

O artigo de Delfim Santos, publicado no n.º 4, é um comentário ao conhecido estudo de Martin Heidegger «Hölderlin e a essência da poesia». Trata-se de um texto que aponta algumas das principais concepções filosóficas de Heidegger, as quais, não raro, se centram na análise da criação artística. É sabido que o objectivo do autor de *Ser e Tempo*, pelo relacionamento que existe entre esse tipo de criação ou *poiesis* e o ser, extrai conclusões de alcance propriamente ontológico, na medida em que, para este filósofo, a questão fundamental diz respeito à essência e à verdade do próprio ser. Mas, se abstrairmos estas implicações que interessariam sobretudo ao domínio da filosofia, verificamos que no texto de Heidegger e no comentário que dele faz Delfim Santos há um conjunto de afirmações que abrem novas perspectivas quanto ao sentido da poesia, do papel que a linguagem nele desempenha, do seu enraizamento existencial ou histórico, etc.: «Poesia é um sonho verbal [...] e a sua substância é sempre e só o domínio verbal»; «o ser do homem fundamenta-se na linguagem e só como diálogo é esta essencial»; «somos seres históricos — porque ser-histórico e ser-diálogo pertencem-se mutuamente e significam o mesmo»; «a Poesia é criação verbal do ser»; «o verbo do poeta é criação não somente no sentido de livre oferta da essência das coisas às próprias coisas, mas também e simultaneamente no sentido da firme fundamentação da presença humana».

Se nos detivermos em passos como estes, poderíamos então entrever algumas das direcções possíveis de uma poesia que, valorizando o que constitui o seu espaço verbal, encontra uma possibilidade de instaurar uma realidade que seria, se adoptássemos a palavra a que recorre Heidegger, a do próprio ser ou — se nos afastarmos de tal enquadramento filosófico — algo que corresponderia à dimensão simbólica da linguagem. Uma poesia que se volta, pois, para a linguagem, para a imagem, para o símbolo...

Outro aspecto a pôr em relevo: o ponto de vista de Heidegger relativo à existência humana e à história está, no primeiro caso, isento de qualquer referência à dimensão psicológica do homem e, quanto ao segundo, de qualquer subordinação a factores de índole económico-social, como ocorreria numa concepção de proveniência marxista.

Curiosamente, poderíamos verificar que algo de paralelo se deixava entrever nas próprias opções literárias ou artísticas do Modernismo quando prefere renunciar a um subjectivismo emocionalmente imediato ou a uma directa subordinação a um certo *sentido* da história muito ideologicamente marcado. Mas entendamo-nos. O que importa aqui realçar não é a influência improvável que o pensamento de índole filosófica, seja o de Heidegger ou o de outros pensadores, pudesse ter exercido sobre uma nova concepção de poesia, mas sim a circunstância de numa publicação como a *Revista de Portugal* confluírem certos pontos de vista, diversas intuições, algumas perspectivas que acompanham o que poderá representar, no âmbito da literatura do seu tempo, um possível desenvolvimento do nosso Modernismo — embora

não se apresente como expressão de uma vanguarda que só será de novo perseguida pela *Variante* (1942-1943) de António Pedro ² —, abrindo, assim, caminho para diversificadas propostas quer no domínio da poesia, quer no do romance, sobretudo se atendermos ao modo como nas páginas da revista este não deixa de estar presente sob a forma de excertos, de vários textos narrativos ou das análises feitas em várias recensões.

É apontando para uma direcção nova que Manuel Anselmo nos chama a atenção para a maneira como «o humano é deformado pelo intelectual», quando se refere numa recensão ao romance *Bússola Doida* de Aleixo Ribeiro ³, ou que Vitorino Nemésio, na que dedica ao *Nome de Guerra* de Almada Negreiros, põe também em devido relevo ao fazer fé «no predomínio da inteligência sobre a sensibilidade — ou melhor, no carácter agudamente sensível, sensual, de uma inteligência» ⁴. A espontaneidade sentimental, que fora posta entre parênteses na poesia, também o será no domínio do romance ou da narrativa.

Mas será, precisamente, no campo da poesia que há-de ganhar maior relevo a novidade possível desta revista. Com efeito, é no seu último número — o n.º 10 — que sai um conjunto extremamente importante de quarenta e um poemas de autoria de Vitorino Nemésio, com o título «Eu, Comovido a Oeste» ⁵. Trata-se de uma poesia marcada pela intensificação do seu valor metafórico ou simbólico, se atendermos à maneira como nela se faz — adoptando as palavras com que Albano Nogueira, nas páginas da revista, se refere a obras anteriores de Nemésio ⁶ — o «trânsito da visão para a imagem, da emoção para a sua expressão». Como é óbvio, há aqui uma recuperação ou extreme valorização do próprio suporte verbal do poema, o que traduz algo de novo relativamente às opções que em geral eram feitas neste domínio pelos presencialistas.

Apesar de tudo, muitos são os autores que, vindos da revista *Presença* — ou seguidores de orientação afim —, colaboram na *Revista de Portugal*; é o caso de José Régio, Miguel Torga, António de Sousa, Carlos Queiroz, Branquinho da Fonseca, Alberto de Serpa, Adolfo Casais Monteiro, Campos de Figueiredo, Edmundo de Bettencourt ou Fausto José. Ao seu lado, outros poetas ou ficcionistas que remontam ao Saudosismo, à geração do *Orpheu*, ao nascente Neo-Realismo, etc.: Teixeira de Pascoaes, Afonso Duarte, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, António Botto, Carlos Parreira, Irene Lisboa, José Gomes Ferreira, Políbio Gomes dos Santos, Fernando Namora, João José Cochofel, Mário Dionísio. No último número da revista sai um pequeno conjunto de inéditos de Camilo Pessanha, chamando-se, assim, a atenção para um poeta que nessa altura nem sempre era devidamente considerado. Encontramos, também, páginas de Aquilino Ribeiro e Rodrigues Miguéis ou, através de um artigo de *descoberta* de Vitorino Nemésio, alguma da poesia do simbolista açoriano então praticamente esquecido Roberto de Mesquita ⁷.